



1910-2010

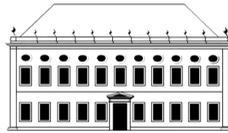
**COMUNICAÇÃO
E EDUCAÇÃO
EPUBLICANAS**

R

Ana Teresa Peixinho
Clara Almeida Santos

COORDENAÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Email: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Carlos Costa

REVISÃO

Maria da Graça Pericão

ISBN

978-989-26-0106-9

António Barroso

A IMPRENSA ESTUDANTIL VIANENSE DURANTE A 1ª REPÚBLICA

Com esta comunicação pretendemos caracterizar as publicações periódicas impressas que foram editadas na cidade de Viana do Castelo, cujos responsáveis eram alunos do Liceu, da Escola Comercial ou da Academia Vianense.

Durante os anos de 1910 a 1926, coligimos um total de doze títulos, publicados semanal ou quinzenalmente, excluindo as publicações impressas ou editadas por meios não tipográficos, geralmente com uma existência efémera, tendo tido apenas vinte e oito números o jornal que se publicou durante mais tempo.

Ao falarmos em imprensa estudantil podemos descrevê-la nestes termos:

Diferentes das publicações académicas, que, normalmente, são feitas e dirigidas por professores, lançadas e subsidiadas por escolas e instituições, as estudantis situam-se, na maior parte dos casos, em campos distintos e até opostos. De um modo geral, os periódicos estudantis caracterizam-se por um certo distanciamento e até por uma posição de irreverência em relação à escola e aos seus mestres. Em termos económicos, os periódicos estudantis vivem, essencialmente, do produto das suas vendas, alguma publicidade, quando existe, mas sobretudo da capacidade financeira dos seus responsáveis. Eis aqui uma explicação, não só para a sua pouca longevidade, traduzida, normalmente, nuns fatídicos três meses, mas também para o não cumprimento, em muitos casos, da periodicidade inicialmente anunciada. Diferenças, também, ao nível das temáticas abordadas. Se as revistas académicas privilegiam, sobretudo, temas ligados ao passado, as estudantis viram-se mais para questões do presente e do futuro (Prata, 2006: 13-14).

Em 1911 a população residente na cidade de Viana do Castelo era de 10.522 habitantes e, no seu concelho, de 51.466 (Fernandes, 1995: 170). Na urbe vianense, existia o Liceu Nacional de Viana do Castelo que, depois de 1918, passa a chamar-se

Liceu Nacional de Gonçalo Velho, a Escola de Ensino Normal e a Escola Comercial. São estudantes oriundos destas escolas, principalmente os que frequentaram o Liceu, que vão ser os responsáveis das publicações, que a seguir descrevemos, como se comprova neste excerto:

Os jornais produzidos por estudantes, boa parte das vezes em números únicos ou com poucas edições, surgiram na maior parte dos liceus. O de Viana do Castelo não foi excepção. Entre os que aí foram produzidos avultaram títulos como *O Gabiru*, *O Peneira*, *O Pedante*, *O Académico*, *A Academia*, *Academia Vianense*, *À Sombra da Capa* (Azevedo, 2003: 767).

Títulos publicados

O PENEIRA

O primeiro número do jornal *O Peneira* surge em 25 de Março de 1912, dirigido por João Rebelo de S. Júnior. Deste quinzenário académico apenas se iria publicar mais um número, em 15 de Abril do mesmo ano. A redacção e administração situavam-se na rua das Rosas, nº 35, em Viana do Castelo, tendo como editor Manuel P. Barbosa e como secretário da redacção, Edmundo Guimarães.

No nº 1, em texto intitulado “O Peneira”, assinado por Rebelo de Sousa, lê-se na parte final:

Pequeno jornal, que até agora tenho estado escondido, sou hoje obrigado a aparecer á luz da publicidade, para que por meio de originais e escritos que estampam nas minhas faces, eu possa, no futuro, vir a ser um jornalão. Mas temendo o canelão, os pochões de orelhas e sopapos dos meus colegas, eu lhes peço de joelhos, de mãos erguidas para o céu e debulhado em pranto, que não me façam mal. Tenham pena de um pobre Peneira meus caros coleguinhas. Eu comprometo-me a fazer tudo o que desejarem, mas não me batam. A todos os meus colegas eu peço protecção, mas com especialidade ao meu colega «Aurora do Lima» como mais velho eu peço encarecidamente que me proteja e me cubra a cabeça com a sua pasta, para que daqui para o futuro eu possa seguir livremente e sem interrupção, o meu triste e escarpado caminho.

Este jornal contém pequenos contos, poesia, notícias sobre diversos assuntos académicos, especialmente os relacionados com o Liceu de Viana e a Academia

Vianense. No primeiro número destacamos: notícia do falecimento de um aluno do Liceu; a reunião da Academia onde se falaram vários assuntos entre os quais “da projectada vinda a esta cidade da Tuna da Universidade de Coimbra”; o texto, “Espetaculo”, que abre com “Promovido pelo grupo dramatico da Academia desta cidade, realiza-se no dia 27 do corrente no elegante salão da Officina de S. José um espetaculo em beneficio da mesma Oficina (...) Pedimos ás gentilissimas damas da terra que nos favoreçam com a sua presença, que nos deem palmas, saquinhas de bombons e mais qualquer coisa que se coma” e a secção “Ha quem diga”, composta de frases curtas em tom jocoso.

No segundo número, destaque para o texto “Até que enfim”, assinado pelo director, onde se lê:

Ha já muito tempo que era desejado e reclamado por todos os estudantes deste liceu um pavilhão que os abrigasse do sol e da chuva. Foi-nos prometido, mas passou-se um mez, dois, três, quatro, sem o pavilhão aparecer” (...) Felizmente agora estamos bem (...) Desejamos apenas uns bancos onde nos possamos sentar, porque não podemos sentar-nos no chão, nem nas imundas pedras que estão debaixo do pavilhão. Pedimos então respeitosa-mente ao senhor Reitor do liceu, que nos faça esse grande favor, que é não só de grande comodidade para nós mas tambem para a conservação de nossas roupas.

Também não podemos deixar de assinalar o texto “De Viagem”, relatando uma saída dos alunos: “A fim de verem o eclipse partem na proxima quarta feira para Penafiel os nossos distintos professores snrs Dr Jesus de Araujo e Dr Tomás Felgueiras com toda a 5ª classe do Liceu. Que tenham boa viagem e que façam muita pândega”.

Este jornal possui textos anónimos ou assinados com pseudónimos, exceptuando a colaboração assinada pelo director e presidente da Academia Vianense, Rebelo de Sousa.

Composto e impresso na Typ. d'André J. P. & Filho, em Viana do Castelo, num formato de 34,5 x 25 cm, com 4 páginas a 3 colunas, sendo a última destinada apenas a publicitar a tipografia onde foi impresso e ao espaço para o endereço dos assinantes. Era vendido avulso a 20 réis, e a assinatura semestral importava em 240 réis.

No segundo número *O Peneira*, em pequeno texto intitulado “Atenção”, adverte para a alteração do título no número seguinte, prevenindo “todos os nossos amigos e leitores que o nosso jornal em vez de ter o título de *O Peneira* passa a tê-lo de *Folha Académica*”.

FOLHA ACADÉMICA

Como era anunciado no nº 2 de *O Peneira* de 15 Abril de 1912, a 1 de Maio do mesmo ano, publica-se o nº 3, mas agora com o título de *Folha Académica*, sendo este o único número publicado.

Continuava com os mesmos responsáveis, ou seja dirigido por João Rebelo de S. Júnior, editado por Manuel P. Barbosa e tendo como secretário da redacção Edmundo Guimarães. A redacção e administração continuavam a situar-se na rua das Rosas, nº 35, em Viana do Castelo.

Inserindo poesias, um pequeno conto, anedotas e breves notícias relacionadas com estudantes do Liceu de Viana, apresenta colaboração de Rebelo de Sousa, Alfredo Guerra e M. Baptista Torres, além de textos com pseudónimos ou sem qualquer responsabilidade.

A última página destinava-se apenas a publicidade, com o anúncio da Typographia d’André J. Pereira & Filho, onde este jornal foi composto e impresso, e espaço para o endereço dos assinantes. O formato continuava a ser de 34,5 x 25 cm, com 4 páginas impressas a 3 colunas.

O GABIRÚ

Este jornal iniciou a sua publicação em 25 de Fevereiro de 1913, terminando a 11 de Setembro do mesmo ano, ao fim de 28 números publicados, sendo de entre os jornais analisados o que teve a maior longevidade.

O director foi sempre Nápoles Machado, o editor foi, primeiro José Gonçalves, e depois José Fernandes, sendo administrado por Manuel J. Barbosa e como secre-

tário da redacção, primeiro foi Flávio Guimarães, sendo substituído, mais tarde, por Manuel Alves.

No primeiro número, em texto intitulado “O gabiru”, assinado por A Empresa, lê-se:

Ha muito tempo que nós, levados por reconhecer a precisão que havia de dar aos estudantes um meio de distrahir as horas vagas, e aos paes dos mesmos que moram longe, noticias do liceu, tentavamos levar a cabo a fundação dum jornal de humorismo e informação liceal. A nossa vontade era que êle fôsse uma enorme folha como as que se circulam no paiz e estrangeiro, publicadas nas grandes cidades.

Para isso era preciso que entre nós houvesse grandes capitalistas a quem não fizesse falta o dinheiro que com isso podia perder-se, e que os estudantes, a quem principalmente nos dirigimos tivessem, contra a regra geral, dinheiro suficiente para custearem as assinaturas. Vendo que se teriam de fazer milagres, resolvemos publicar um folheto que com o tempo pôde vir a progredir. É esse o folheto que estais a ler e que se chama *O Gabirú*. Se resolverdes continuar a leitura fazei a convenção de achar tudo bem escrito pois (para que nega-lo?) são muitos os erros que aqui se encontram devido á incapacidade de todos os que se meteram nesta empresa, e á falta de conhecimentos ortográficos e de pontuação que ainda temos.

A redacção situava-se na Casa Barbosa, na estrada de Santa Luzia, mudando-se, a partir do nº 2, para a rua da Bandeira, 149, e do n.º 9 em diante, transfere-se para a rua Nova de S. de Bento, 10, em Viana do Castelo.

No nº 5, *O Gabirú* passa a mencionar no cabeçalho “semanário académico”, complemento de título que vai simplificar, no nº 21, para “semanário”, alterando também o aspecto gráfico do título.

Neste jornal encontramos pequenas notícias sobre alunos e professores do Liceu, as reuniões académicas, contos, poesias, anedotas, e, as secções, “Debicando”, “Secção charadística”, “Ventila-se”, conjunto de frases de crítica social e de costumes e “Mundo elegante”, onde são notícia “as sopeiras em vez de damas da sociedade”. Muitos dos textos são assinados com pseudónimos, outros anónimos, surgindo como colaboradores os nomes de A. Anselmo, F. Viana e José Fernandes de Sousa.

O Gabirú era composto e impresso na Typographia Modelo, passando a partir do n.º 5 para a Typographia Commercial, situada na rua da Picota, 22 a 26, em Viana do Castelo.

Inicialmente, com um formato de 29 x 20 cm, com 4 páginas, a 3 colunas, sem publicidade, este semanário aumenta de tamanho a partir do n.º 5, para 38 x 26,5 cm, mantendo as 4 páginas, mas passando a última para publicidade, e sendo impresso a 4 colunas. A assinatura mensal importava em 4 centavos, vendendo-se avulso, por 1 ½ centavos.

O PEDANTE

O n.º 1 deste quinzenário académico saiu em 14 de Março de 1913 e o n.º 6, em 1 de Junho do mesmo ano, tendo-se publicado seis números.

Como director encontramos Gonçalves Pires, como editor Luiz Caetano Alves, como secretário Artur Maciel, e administrado por J. A. Rocha e Sá e J. Portocarrero. No n.º 3 como directores, surgem G. Pires e Mamede e, como primeiros redactores, A. M. Gonçalves e Oner de Carvalho, para no n.º 4 figurar apenas A. M. Gonçalves como redactor. A redacção e administração situavam-se na rua Frei Bartolomeu dos Mártires, 96, passando no n.º 3 para a rua Nova de Santana, 69 a 71, em Viana do Castelo.

No primeiro número editado, no texto “A nossa apresentação”, lê-se:

Com o titulo «O Pedante» aparece hoje ao publico este pequenino jornal que vem com intenção, não de ser com o decorrer dos tempos um d’esses grandes jornaes com a tiragem de milhares e milhares de exemplares como o «Times» «Daily Mail» «Le Journal» e muitos outros, mas sim de ser um jornal modesto onde não faltaram os competentes erros que os nossos leitores devem desculpar, atendendo a que representa obra de rapazes que se ocupam ainda do seu aperfeiçoamento pelo estudo, e que com a sua publicação tem um unico fim «a distração». Os nossos leitores rir-se-hão das nossas infantilidades, é certo, mas ao mesmo tempo que passamos as nossas horas d’ocio preenchendo as columnas do «Pedante» fazemos um exercicio que ninguem deixará de achar util. Ajudem-nos pois, ouvindo o primeiro chilrear d’um bando de passaritos novos.

O Pedante insere nas suas páginas poesias, curtas notícias, artigos de opinião, breves comentários de crítica social e textos nada abonatórios para o jornal “O Gabirú”.

Como colaboradores teve, A. Maciel, A. P. da Cunha, G. Pires, Oner Viana de Carvalho, sendo outra colaboração assinada com pseudónimos, ou a coberto do anonimato. No nº 6, e último número publicado, em texto intitulado “O nosso jornal”, assinado por Gama, lê-se:

Aproximando-se o termo das nossas lides escolares e ouvindo-se já ao lonje o feroz latir dessa traiçoeira «rabuda», vemo-nos obrigados a suspender temporariamente, se bem que contra nossa vontade, o nosso jornal que apesar da sua precóce existência tem conseguido sustentar-se através de inumeras dificuldades afim de satisfazer o programa que tinhamos em vista. Terminados os exames, de novo voltaremos a continuar a publicação dêste modesto jornal, que passará a ser semanal. Se não temos cumprido á risca o que tinhamos prometido, se o jornal não tem saído com regularidade, esperamos, digo, faremos, por que isso não suceda daqui para o futuro. Mas para isso necessitamos que todos nos auxiliem nesta ardua tarefa que se chama a vida jornalística”

Apesar da intenção manifestada em manter a sua publicação, *O Pedante* não voltou a sair dos prelos.

Com 4 páginas, impressas a 3 colunas, apresentando a última apenas publicidade da Typ. André J. Pereira & Filho, Successor, onde este jornal foi impresso, com um formato de 38 x 26 cm, era vendido, por assinatura anual de 480 réis.

O ACADÉMICO

Surgido a 5 de Fevereiro de 1914, este jornal com uma periodicidade semanal, apresentava como complemento de título órgão do Liceu, terminando a sua publicação a 2 de Abril, com nove números publicados³⁷⁷.

A direcção esteve a cargo de Omer de Carvalho, tendo como editor António Pinto da Cunha, como administrador José S. Malheiro e secretário da redacção Manuel

³⁷⁷ E não com seis números como indica Luís de Figueiredo da Guerra (Guerra, 1917).

Alves, sendo estas duas últimas funções desempenhadas a partir do nº 6 respectivamente por Manuel Dantas de Brito e Abílio da Rocha Gomes.

288

No editorial do primeiro número, podemos ler que este jornal se deve a um “grupo de rapazes e se destina a empregar as horas de ocio enchendo as colunas do órgão do Liceu”.

Como colaboradores encontramos A. P. da Cunha e A. M. Viana, e outras vezes colaboração assinada com pseudónimos, compreendendo poesia, notícias de actividades académicas, artigos sobre o Liceu, pequenas notícias de âmbito local e uma “secção charadística”.

Nos números dois e sete, os responsáveis deste jornal esclarecem os seus leitores que esta publicação “não tem nada com [os jornais] O Gabirú e O Pedante”.

Editado com quatro páginas, a quatro colunas, num formato de 38 x 25 cm, *O Académico* foi impresso na Typ. Comercial, à rua da Picota, em Viana do Castelo. A quarta página destinava-se, exclusivamente, a publicidade e espaço para o endereço dos assinantes.

A sua distribuição fazia-se por assinatura que custava na cidade \$06 por mês, aumentando \$02, se a distribuição fosse pelo correio.

O ACADÉMICO

Com o mesmo título do jornal anterior, surge na primeira semana do mês de Junho de 1918, uma nova publicação que apresentava como complemento de título “semanário académico”³⁷⁸, terminando na segunda semana de Julho desse ano, com a edição de seis números (Pimenta, 2000: 95).

³⁷⁸ Segundo Luís Figueiredo da Guerra, *O Académico* continua no *O Normalista* (Guerra, 1920).

Dirigido por Jerónimo Vieira da Silva e editado por Severino Costa, *O Académico* tinha como administrador António Correia Vieira, depois Domingos Carvalho, e secretário de redacção, Rogério Sousa.

Apresentando quatro páginas, impresso a três colunas, com uma altura de 25 centímetros, este semanário foi composto na Tipografia Eduardo Rodrigues, localizada na rua D. Luís, na cidade de Viana do Castelo.

Os temas abordados³⁷⁹ são idênticos aos de outras publicações editadas por estudantes vianenses, nesta década.

O ACADÉMICO

Assumindo-se no complemento de título como órgão defensor dos interesses da Academia de Viana, este jornal deve ter iniciado a sua publicação durante o final do mês de Fevereiro de 1919, ou na quarta-feira, dia 5 de Março, de 1919³⁸⁰, e não sabemos quando deixou de se publicar.

António Machado foi o seu director, tendo como redactor Jerónimo Aguiar, e como editor António V. Enes, no número três, e José H. da Costa, no número quatro. O administrador António Branco foi substituído, no número quatro, por António Enes. A redacção e administração situavam-se na Avenida Conde Carreira, em Viana do Castelo.

Inseres textos informativos de temática escolar, poesia, uma secção intitulada “Há quem diga, leitor amigo” de teor sarcástico, outra de necrologia, notícias da sociedade local, assinadas por iniciais ou pseudónimos.

Destacamos um texto no terceiro número assinado por A. J., sobre a instauração “de um processo escolar aos actos dos alunos do nosso liceu, que levados ou pela

³⁷⁹ Consultamos apenas o jornal nº2, da 2ª semana de Junho de 1918.

³⁸⁰ A nossa dúvida prende-se com a pequena nota inserta no terceiro número, onde os responsáveis pedem desculpa aos assinantes porque “o presente numero sai com bastante atraso”, e só consultámos o n.º 3, de 19 Março de 1919 e o n.º 4, de 26 de Março do mesmo ano.

ignorância, ou descabido partidarismo ao régimen monárquico, ousaram em requintes de baixaza e ignominia faltar aos seus deveres de académicos e de futuros cidadãos desta pátria tão querida”. Estes actos, vexatórios para os republicanos e nomeadamente contra a bandeira verde e vermelha, foram praticados por alunos do Liceu e da Escola Normal nos vinte e cinco dias da Monarquia do Norte. No quarto número, o autor da notícia anterior, agora assinando José Pereira de Aguiar Junior, escreve um longo texto intitulado “Aos meus colegas”, onde se defende das acusações de muitos dos seus colegas não terem gostado do seu artigo dizendo que tal assunto não devia ser tratado nas páginas deste jornal onde o autor pedia “ao Exmo Sr. Reitor um julgamento severo para aqueles que vilmente deshonraram a Academia do Liceu de Gonçalo Velho”. Refere que “alguns dos académicos vianenses arrastaram pela lama a bandeira nacional, constituindo um grupo que percorreram as ruas da cidade, dando vivas á monarquia e cometendo assim o maior crime que pode haver, isto é, o ultrage á bandeira da Pátria e como consecuencia o enxovalho e a afronta ao nobre povo português”.

No terceiro número publicado, em texto intitulado “Para que todos leiam”, encontramos a razão do surgimento deste jornal. Aí, podemos ler:

Viana, incontestavelmente, uma das mais Formosas cidades desta ditosa pátria, cujas margens são constantemente humedecidas pelas águas cristalinas do Letes, é nela, nesta cidade tam tímida pelos romanos pela sua beleza, que só se publicava um jornal (o nosso colega o “Cupido”). Foi por isso e por vermos a necessidade que a Academia tem dum órgão que seja o seu defensor, que seja a guitarra que queira as melancolicas horas por ela passadas que nós, jovens mas levados pela ambição de levantar ao maior esplendor a imprensa portuguesa fizemos este Jornal. O aparecimento dele causou na Academia assim como na terra um destes entusiasmos que tivemos que mandar fazer maior tiragem tal é a quantidade que temos de nossos futuros assinantes.

O Académico era composto e impresso na Tipografia Guimarães, em Ponte de Lima, num formato de 24,7 x 17,2 cm, com quatro páginas impressas a três colunas, destinando a última página a anúncios publicitários.

Este pequeno periódico era distribuído pelos assinantes, em Viana do Castelo, ao preço de \$10 por mês, e, aos de fora desta localidade, a \$12, podendo, estes, “enviar a sua quota em estampilhas do correio”.

No editorial do primeiro número deste jornal, surgido na primeira semana de Novembro de 1919, com o subtítulo “defensor dos interesses académicos”, assinado pela redacção e intitulado “Apresentação e Programa”, pode ler-se: “somos cerca de meia dúzia de rapazes somente que se propõe criar um jornal académico”. Pugnando pelos interesses académicos, defendem a independência política como princípio orientador e, como tal, segundo afirmam, não publicarão qualquer texto de feição política, por saberem que a “Política e a Discórdia são irmãs gémeas”. Também não aceitam colaboração anónima e todos os textos terão que ser assinados e, no caso de pseudónimo, o verdadeiro nome será revelado. Como defesa da língua portuguesa, os artigos não poderão conter estrangeirismos e seguirão a ortografia oficial.

Tendo sido publicados vinte números³⁸¹, o último dos quais na terceira semana de Abril de 1920, os temas dos editoriais giram à volta das Escolas Primárias Superiores, do uso do uniforme académico, da educação moral nos Liceus, das vantagens da caixa escolar, da passagem do Liceu de Viana da categoria de Liceu Central a Nacional, entre outros assuntos de natureza académica, principalmente em torno do Liceu Gonçalo Velho. *A Academia* insere, ainda, poemas, cartas, pequenas notícias, contos, um folhetim, uma crónica da Grande Guerra, duas curtas biografias e pequenos artigos com temas diversos. Destaque para o quarto número, com 8 páginas, inteiramente dedicado ao 1º de Dezembro com diversos artigos evocando o acontecimento, com realce para o soneto “Portugália”, da autoria de Severino Costa.

A direcção foi confiada a Francisco de Andrade, sendo editor Saturnino e Silva e administrador, Jorge Lobato, estando a redacção e administração localizada no n.º 162, da rua 8 de Maio, em Viana do Castelo

Apresentando habitualmente 4 páginas impressas a três colunas, com o formato de 27 x 18 cm, este semanário foi composto até ao número 15, na tipografia de Eduardo Rodrigues, sedeada na rua de D. Luís, em Viana do Castelo, e, nos cinco últimos números na tipografia de André J. P. & F.º Suc, também na mesma rua.

³⁸¹ E não quatro números, como afirma Luís de Figueiredo da Guerra (Guerra, 1920).

A assinatura mensal custava \$12 e cada exemplar avulso, era vendido a \$03, exceptuando o n.º 4, que foi vendido a \$05.

292

À SOMBRA DA CAPA

Saindo o primeiro número a 15 de Janeiro de 1922, deste semanário literário, sportivo, humorístico e noticioso, órgão da Academia de Viana do Castelo, publicaram-se 24 números, tendo o último saído a 21 de Setembro, desse ano.

Teve como director até ao n.º 22, António G. Correia Vieira, como editor Armando Vieira Pinto, e até ao n.º 11, o administrador foi Cândido Sá, sendo redactores Alberto Fontinha, Sequeira Campos, Pinto Cruz, Joaquim Torres, J. H. da Costa (até ao n.º 7) e Alfredo P. Oliveira (a partir do n.º 11). Martinho Faria foi secretário da administração até ao n.º 11, situando-se a redacção e administração na rua de S. Pedro, 35, em Viana do Castelo. Com o n.º 12, o administrador e secretário da administração passa a ser Alberto Fontinha, e Sequeira Campos como redactor principal. No n.º 13, muda o aspecto gráfico do cabeçalho e surgem como redactores Ananias T., Pinto C. e Alfredo P. Oliveira. Com a publicação do n.º 22, este semanário volta a sofrer alterações, passando o editor a ser João Passos Ribeiro, o redactor principal, Manuel Martins Queiroz, os redactores, A. Torres e Pinto Cruz, e o redactor sportivo, Alfredo P. Oliveira.

No n.º 23, em editorial intitulado “Á Sombra da Capa”, na 1ª página, lê-se: “Reaparece hoje após algum tempo de suspensão, a que deu lugar o incidente que todos é conhecido já. Anunciam ainda outras melhorias no jornal a cujas colunas veem hoje dar distinção nomes ilustres como o de Leonardo Coimbra”.

Com este número altera o complemento de título para “Bi-semanário literario, noticioso, sportivo e humorístico (independente)”, mudando o director que passa a ser João de Passos Ribeiro, e, a redacção e a administração transitam para a rua Nova de Santa’Ana, também em Viana do Castelo. No cabeçalho, passa a indicar que: “Escritos anónimos ou inconvenientes à moral não se publicam”.

No n.º 1, em texto intitulado “Evocação”, assinado por S. C. , na 1ª página, é explicado o modo como apareceu este jornal, ao mesmo tempo que o autor evoca outra publicação estudantil vianense:

Tenho na minha frente o primeiro número dum jornalzinho chamado “O Académico” que veio pela primeira vez á luz do dia, numa manhã clara da primeira semana de junho de novecentos e dezoito. Há tres anos e meio. Um dia, ali à porta do “Américo” o Jerónimo Vieira, o Correia Vieira e o Rogério Sousa, vieram ter comigo, entusiasmados, para se fazer um jornal da Academia. Eu tinha acabado o meu 5º ano mezes antes, e sentia ainda, esparsa pelo coração, a saudade da vida que não voltaria. Instaram comigo, - que eu ia ser o edictor, que havia de escrever. Não pude nem soube recusar.

O jornal saíu, cheio de impetos moços, abrindo logo com um artigo de fundo terrível, e com uma carta aberta ao Reitor do liceu. O dinheiro, porém, começou a escacear, o tipógrafo não queria dívidas, e um belo dia tudo acabou. (...) Mas a Vida repete-se. Ha dias, na mesma infalível porta do “Américo”, o Correia Vieira veio ter comigo. Vai sair outro jornal. Eu tinha que escrever. O Rogério tambem escreveria. E não pude recusar. Pediu-me um artigo de fundo. Em vez de massadorias fiz isto. Disse uma página da vida de alguns rapazes que hoje voltam a reunir-se, com a mesma e terna magia deante dos olhos, a tentá-los.

Que mais poderei dizer? Que êste jornal vai ser como tantos outros, como todos, o intérprete das nossas emoções, das nossas piéguices, do nosso sentimentalismo? Isso todos o sabemos. Vai ter longa vida? Creio que sim. Hoje há mais dinheiro... e mais escritores. Considerando-me já da velha guarda, com 22 anos, só estimo muita força nos pulmões e na bolsa ao jornal que estais lendo.

Neste jornal encontramos poesia, pequenos contos, notícias sobre o Liceu, pequenas notícias da vida académica, relatos de visitas de outras Academias a esta cidade, e as rubricas “Sport”, mais tarde “Cronica sportiva”, “Notas d’elite”, “Folhetim”, “Charadas academicas” e “Um pouco de filosofia...”, estando a última página, geralmente com publicidade. Os textos são assinados com iniciais, anónimos ou escritos entre outros pelos seguintes colaboradores: A. Castro, A. L. de Carvalho, A. Moura Vitória, Abílio Costa, Adelino Cordeiro, Amândio Castro, Ângelo Augusto da Silva, António Correia Vieira, Armando Vieira Pinto, Beatriz de Souza Bacelar, C. Dantas, Carlos Ribeiro de Melo, Celestino Pires, Cláudio Basto, Domingos do Paço, E. Sarmiento, Ernesto Sardinha, Fausto de Meireles, J. Passos Ribeiro, João Cunha Valença, Joaquim Torres, Jorge Ramos, José Alves, Leonardo Coimbra, Luciano Ribeiro, M. Santos, Manuel Ferreira, Manuel Parente Nôvo da Cruz, Marcelo Gouveia,

Maria Matos, Orlando Jorge, Pedro da Silva, Rosa Varela, Sebastião A. Guerra Pinto, Severino Costa e Teixeira Pinto.

294

Inicialmente composto e impresso, na Tip. A Plebe, passa a partir do n.º 14 para a Typ. Com. A Aurora do Lima, ambas em Viana do Castelo. Possuindo habitualmente 2 ou 4 páginas, a 5 colunas, num formato de 50,8 x 33,2 cm, vendendo-se, avulso, por \$15.

Merecem destaque os números 7, que foi impresso a roxo, e o 13, impresso a verde, com 6 páginas e dedicado ao dia 9 de Abril - Batalha de La Lys, assinalando que “o produto da venda deste jornal deduzidas as despesas reverte em benefício dos Padrões da Grande Guerra”.

A VOZ DA MOCIDADE

Deste semanário foram publicados seis números, saindo o primeiro a 24 de Fevereiro de 1922 e o último, a 15 de Abril do mesmo ano, apresentando do lado esquerdo do cabeçalho, como complemento de título, “semanário noticioso, humorístico e recreativo” e, do lado direito, “órgão dos alunos da Escola Comercial de Viana”.

Dirigido por Pedro Dias, tendo como administrador J. Figueiredo, este jornal teve inicialmente como editor Armando António de Matos, para no número seguinte passar a ser Manuel A. Neves Martins. A redacção e a administração situavam-se na rua da Bandeira, 152, em Viana do Castelo.

No n.º 1, em texto denominado “O nosso jornal”, assinado por A. P., pode ler-se:

A Voz da Mocidade é no decurso de qualquer tempo uma toada alegre e ridente. (...) Num impulso, alevantado forte e entusiástico, que uma pleiade de novos campeões do Futuro, se permite reservar para a satisfação do seu ideal, no lindo gesto de um tudo – nada furtar às horas destinadas ao manuseamento dos seus compendios, maxime á sua folgança e em detrimento das suas inofensivas tropelias e do brou ha-ha propria da tamanina idade, sempre revestida de bons propósitos, esse grupo de leais e dedicados rapazes, essa plêiade, dizíamos, propõe-se trazer a publico, pela imprensa como que o carnet onde apontados e recolhidos, semanalmente, os seus devaneios de amor, as suas canções garrúlas,

por ventura gratas ao coração das gentis deidades; as suas ligeiras notas de sport, e a sua pontinha de humor para o despelamento dos parólos arrabaldescos e para o exagerado formalismo e donaire dos citadinos adelaides de espartilho e almofadinhas....

Neste jornal encontramos textos relacionados com a vida estudantil, poesias, uma secção recreativa e alguma publicidade. Muitos dos seus textos são assinados com pseudónimos figurando como colaboradores, entre outros, J. Figueiredo, Jorge Ramos, Neto Beirão e Pedro Dias.

Composto e impresso na Tip. Roza, localizada na rua da Bandeira, 152, em Viana do Castelo, variando entre as duas ou quatro páginas, num formato de 38,5 x 25,5 cm, este semanário publicou-se, inicialmente às sexta-feiras, passando a sair aos sábados a partir do nº 4. Era vendido, por assinatura que importava anualmente em \$35.

O GAROTO

O primeiro número deste jornal académico, *O Garoto* saiu dos prelos da Tip. de Eduardo Rodrigues, a 7 de Janeiro de 1914, tendo-se publicado 4 números (Guerra, 1917).

O NORMALISTA

Este jornal publicou-se em Viana do Castelo, durante o ano de 1918, com o subtítulo de “semanário académico”.

Deste periódico, apenas encontrámos referência ao n.º 10, respeitante à 4.ª semana de Outubro de 1918 (Pimenta, 2000: 15). Este número, apresenta como director, Romeu Pimenta, editor Abel Viana, redactor, Agostinho Carvalhido, administrador, Manuel Barbosa, e, a redacção e a administração, sedeadas na rua dos Manjovos, n.º 53, em Viana do Castelo. A sua composição e impressão efectuou-se, nesta cidade, na Tip. Eduardo Rodrigues, localizada na rua de D. Luís.

Considerações finais

296

Dos dois últimos títulos referidos não conseguimos encontrar qualquer exemplar, quer nas colecções existentes na Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Biblioteca Municipal do Porto e Biblioteca Nacional de Portugal, quer em acervos particulares, o que se deve, essencialmente, ao interesse efémero destas publicações. A fragilidade do suporte em papel, muitas vezes de fraca qualidade, o não haver a preocupação de se conservarem os jornais, ou, quando se conservam, nem sempre nas melhores condições, levando a que muitas vezes se encontrem em mau estado, com páginas rasgadas ou comidas por insectos e roedores, são algumas das razões que impedem que, em muitos casos, não se encontrem colecções completas, quer públicas, quer privadas. O indiscutível interesse destas publicações estudantis, que permitem superar em alguns casos lacunas de documentação, é razão primordial para que se proceda a uma melhor conservação destas colecções.

Com esta comunicação, além de dar a conhecer a imprensa estudantil vianense publicada na vigência da Primeira República, é nosso propósito alertar para a importância fundamental da preservação e divulgação das publicações escolares existentes em muitas bibliotecas ou arquivos e sublinhar o interesse de que a imprensa estudantil se reveste, como fonte para o estudo da cultura escolar.

Bibliografia

- Azevedo, Rodrigo (2003) "Liceu Gonçalo Velho". In António Nóvoa (Org.), *Liceus de Portugal*, Porto: Edições Asa
- Fernandes, Mário Gonçalves (1995) *Viana do Castelo: a consolidação de uma cidade (1855-1926)*. Lisboa: Edições Colibri.
- Guerra, L. de Figueiredo da "O jornalismo em Viana: 1914-1917". *A Aurora do Lima*, 6 Fevereiro 1917.
- Guerra, L. de Figueiredo da "Jornalismo em Viana: 1917-1920". *A Aurora do Lima*, 30 Julho 1920.
- Nóvoa, António (dir.) (1993) *A Imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico (séc. XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Pimenta, Romeu (2000) *De Ponte de Lima à Foz do Douro: por Viana e Cerveira*. Porto: Figueirinhas.
- Prata, Manuel Alberto Carvalho (2006) *Imprensa Estudantil de Coimbra Vol. I: Repertório Analítico (Século XIX)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Viana, Rui A. Faria & António José Barroso (2009) *Publicações Periódicas Vianenses*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.

(Página deixada propositadamente em branco)



eBOOK

Série Documentos

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2011



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS